

O Iraque no futuro da Europa

Álvaro de Vasconcelos

Quando se avolumam os sinais de guerra contra o Iraque, a França e a Alemanha propõem um plano ousado para dar corpo a uma política externa e de defesa europeia. Os países do elo matricial da União sabem que o futuro depende em muito da sua capacidade para liderar respostas comuns, europeias, aos grandes problemas da segurança internacional. A divergência com o consenso vale a Blair a marginalização no debate em que se vai escrevendo a Constituição europeia.

Enquanto na Convenção se forja o futuro da Europa, o mundo inquieta-se com o cenário de mais uma guerra no Golfo, talvez ao arrepio das Nações Unidas, e o conflito israelo-palestino agrava-se tragicamente na indiferença geral. Entre o elaborar na Convenção da Constituição europeia, artigo a artigo, com paixão e encanto, como diz Giscard D'Estaing, e os sucessivos embarques de tropas americanas e inglesas para a península e os mares arábicos, percebe-se que a União já não tem tempo para se ir fazendo numa infinidade de pequenos passos e alguns recuos. A divisão entre os Estados membros numa crise internacional grave como a iraquiana causa fracturas difíceis de sanar. A paralisia europeia tem custos humanos e políticos incalculáveis, e o puro seguidismo em relação ao governo dos Estados Unidos significa abandonar os princípios e as convicções em que se funda a União Europeia e prestar um mau serviço à nação americana e à ordem internacional.

Tony Blair privilegia quase em absoluto a relação dita especial com os Estados Unidos, na ilusão de estar assim no centro do mundo. Afasta-se por certo do coração da Europa a que afirma pertencer, e pela via da segurança, onde o peso militar do Reino Unido facilmente lhe daria o almejado lugar. Como já foi notado, a força das propostas franco-alemãs não vem da conjugação do peso das potências com a afirmação do interesse nacional. Quando o definem de forma estreita, aliás, nem encontram apoio nem são capazes de se unir. É a Europa que une a França e a Alemanha, e o seu peso cresce quando se inscreve no interesse europeu. Erram os que pensam que se pode fundar um directório de potências numa entente franco-germano-britânica, com ou sem satélites.

A procura de um compromisso em que possa assentar o consenso europeu é notória no actual plano franco-alemão que propõe, em suma, medidas para dar peso internacional à União e maior legitimidade à Comissão. Faz todo o sentido que a União decida a sua política externa por maioria qualificada e opte, na defesa, pela via das cooperações reforçadas, deixando agir no interesse europeu os que têm vontade e capacidade para isso. Assim se poria fim ao actual sistema cuja imperfeição vai ao ponto de permitir que, numa questão tão essencial como a guerra com um país árabe, o Reino Unido possa agir contrariamente aos interesses da União, como são percebidos pela maioria esmagadora dos cidadãos (inclusive britânicos) e dos Estados, e cuja perfeição se resume a que cada Estado possa eficazmente bloquear todos os demais. A criação de um Ministro dos Negócios Estrangeiros da União reforçaria também a sua capacidade de acção, bem como a figura de um Presidente do Conselho a par do da Comissão. Aqui, a proposta complica em excesso o modo de decisão, multiplica as presidências, a bicefalia presidencial enfraquece a Comissão, e o fim das presidências rotativas empobrece a manifestação das diferentes sensibilidades europeias em política internacional. Não foi achada ainda a boa solução para o problema que o alargamento coloca à Presidência do Conselho.

A afirmação franco-alemã da ambição internacional da União não se limita porém às propostas de reforma, inúteis na ausência de uma política certa. Chirac e Schroeder defendem no Conselho de Segurança que aos inspectores onusianos seja dado tempo e apoio bastante para cumprirem a sua missão: desarmar o Iraque. É inaceitável que numa questão tão importante da segurança internacional em que é parte interessada, a União seja incapaz de chegar a uma posição comum, que decerto pesaria fortemente na resolução da crise e influenciaria, talvez mesmo decisivamente, a posição americana.